

SOLO

19 de janeiro de 2019

A PRIMEIRA GOTA DE CHUVA

O momento em que as primeiras gotas de chuva atingem a superfície de um solo seco e o umedecimento começa, a atividade dos microrganismos no solo atinge seu pico. Eles acordam quando veem a água — e o cheiro que liberam é aquela fragrância. Geosmin. Petrichor. O que chamamos de cheiro de terra é na verdade o grito de alegria de bilhões de seres vivos.

"Da maneira como você trata o solo, ele te trata da mesma forma, amigos. Quando você o trata negativamente, mesmo inconscientemente, ele não te dá nada em troca, te trata negativamente."

O solo não é um substrato inerte — é um sistema vivo, um organismo com memória. Abriga bilhões de microrganismos em cada grama, e esses seres vivos são muito mais antigos, muito mais resilientes do que os seres humanos. Os fertilizantes nitrogenados comerciais produzem óxidos de nitrogênio — um gás de efeito estufa 300 vezes mais potente que o dióxido de carbono. O uso repetido de fertilizantes químicos acumula compostos salinos, diminuindo a capacidade de retenção de água do solo. A irrigação excessiva dissolve os nutrientes do solo, causando problemas de salinização — exatamente o que está acontecendo na região do GAP. O solo retorna o que é feito a ele: cuidado, torna-se fértil; negligenciado, torna-se árido. Isso não é uma metáfora, mas uma realidade bioquímica. A relação humano-solo é o microcosmo de todas as relações ecológicas.

Uma voz com mais de quinze anos de experiência liderando a filial de Istambul da Câmara dos Engenheiros Agrônomos relata uma jornada de cidadão comum para representante sindical, para gestão sindical, para coordenador de plataforma. Esse caminho foi percorrido após testemunhar como a ciência é manipulada — após perceber que as menores coisas são brilhantemente polidas enquanto certas verdades são deixadas de lado. A plataforma anti-OGM tem sido uma luta contínua desde 2004 — resistência militante contra o controle corporativo de sementes. A plataforma contra a mercantilização da água foi fundada após o Fórum Mundial da Água de 2009, mas a convergência de organizações com diferentes fontes de financiamento e motivações tornou a fragilidade inevitável. A organização dos agricultores é um pré-requisito da emancipação agrícola na Turquia — mas a cooperatização deve abordar a desigualdade estrutural e não deve se tornar uma fachada institucional.

Os números são dolorosos: nos últimos quinze a dezesseis anos, os agricultores turcos abandonaram 32 milhões de hectares de terra agrícola — uma área maior que a Bélgica. Isso não é apenas perda de terra; cada campo abandonado carrega consigo o conhecimento acumulado por gerações. No entanto, a Turquia tem 40 milhões de hectares de terra arável de sequeiro — uma área do tamanho dos Países Baixos, com potencial de segurança alimentar, mas não utilizada. Os preços agrícolas são fixados nos mercados globais de commodities: o algodão chinês rebaixa o algodão turco, a fazenda se torna não lucrativa, a população jovem rejeita o campo — tanto por necessidade econômica quanto por deriva cultural. A "revolução" da agricultura química dos anos 1960 prometeu aumentos de rendimento — os agricultores se tornaram dependentes de insumos que não podiam pagar, e a degradação do solo aprofundou a dependência.

Os ativistas devem escolher pelo que lutam — energia, água, sementes. Dispersar-se em todas as direções leva à fadiga de plataforma e ao colapso — quando as condições políticas mudam, esse colapso se acelera. A organização de longo prazo requer resiliência emocional e segurança material; sem elas, até as melhores intenções se dissolvem.

NÃO HÁ ECOLOGIA SEM TRABALHO

A pesquisa em agricultura ecológica examina a produção, mas ignora as condições de trabalho. Se a produção orgânica e sustentável tem significado numa região enquanto a exploração dos trabalhadores está aumentando, essa sustentabilidade é oca — até enganosa. A exposição a pesticidas afeta diretamente a saúde dos trabalhadores, mas o fardo mais pesado dessa exposição é carregado pelos trabalhadores na faixa de menor renda, os menos protegidos. A justiça do trabalho é uma questão ecológica — e a ecologia é incompleta sem a justiça do trabalho.

"Por que os trabalhadores agrícolas sazonais são de Cizre, Şırnak? Por que de lá? A geografia político-econômica determina onde os problemas ecológicos emergirão e se tornarão visíveis."

Uma socióloga nascida em Istambul (2006, Sociologia da Universidade de Istambul), que completou um mestrado no Instituto Atatürk da Boğaziçi, conduziu extenso trabalho de campo de 2009 a 2015 em Adana, Mersin, Manisa, Bursa e Cizre — agora num doutorado conjunto na Boğaziçi e Paris 8 — trabalha com transformação rural e trabalho migrante. Reflexividade metodológica: a geografia político-econômica determina onde os problemas ecológicos emergirão e se tornarão visíveis. Desde os anos 1990, a transformação rural se desdobrou em três níveis: os perfis dos trabalhadores agrícolas sazonais mudaram — de pequenos agricultores complementando a renda para trabalhadores inteiramente sem terra, inteiramente vulneráveis; os produtores foram transformados — não conseguem mais produzir como faziam sob as novas condições; a geografia espacial se deslocou — o trabalho foi movido para diferentes regiões, diferentes condições.

No trabalho agrícola há uma hierarquia étnica: trabalhadores turcos recebem os salários mais altos, trabalhadores curdos no meio — alguns tornados sem terra pelo deslocamento forçado dos anos 1990 —, os refugiados sírios trabalham pelos salários mais baixos, às vezes nenhum. Isso não é coincidência, mas estrutural — o produto das políticas do Estado turco (assimilação, confisco de terras) e das crises globais de refugiados.

O mapeamento geoespacial dos padrões de trabalho e fluxos de migração é realizado com QGIS. O conceito de "gueto rural" emerge — assentamentos de tendas permanentes em Adana-Mersin para populações sírias e curdas deslocadas. Esses não são acampamentos sazonais temporários; eles criam comunidades aprisionadas, sem saída, pessoas que vivem lá o ano inteiro. A Rede de Comunicação sobre Migração de Trabalhadores Sazonais se reuniu duas vezes por ano desde 2010 — pesquisadores, ativistas e trabalhadores da sociedade civil de diferentes disciplinas. A Rede de Pesquisa Rural e as Redes de Migração (Instituto de Estudos Anatolianos) são recentemente fundadas.

Trabalho infantil, disparidades salariais de gênero, despossessão — a vulnerabilidade criada pela falta de terra — essas são as realidades que a pesquisa em agricultura ecológica ignora. A ecologia não pode ser entendida sem o trabalho, o trabalho sem a ecologia — não são lutas separadas.

A pergunta permanece aberta: como podemos entender a ecologia sem entender o trabalho?

A RELAÇÃO DE CONFIANÇA

Uma professora de música que rejeitou o emprego no setor público ou privado, cuja consciência ambiental foi moldada pelo movimento de resistência hidrelétrica e pela experiência do Vale Alakır — uma jornada evoluída de um curso de permacultura para o trabalho em comunidade alimentar.

Cooperativa de Kadıköy: estabelece uma relação direta produtor-consumidor. Não apenas a sustentabilidade ambiental, mas a justiça relacional é mantida — condições de trabalho, emprego de refugiados, dinâmicas de gênero em domicílios agrícolas são monitorados e avaliados regularmente. Ekorita: um mapa ecológico interativo combinando espaços ecológicos, fóruns, notícias e recomendações — uma resposta à fragmentação da informação. Plataforma Lixo Zero: rejeição do desperdício no ponto de produção, além da reciclagem — transformação do consumo, não apenas gestão de resíduos.

"Há muitas intenções, mas estamos um pouco parados no momento na parte ativa."

As comunidades alimentares e cooperativas operam através de organização horizontal — tomada de decisão por consenso, sem hierarquia, participação igual, transparência. Reuniões físicas mensais (loja de Kadıköy) criam solidariedade, reduzem a pegada de carbono, estabelecem relações de confiança. Redes pequenas e distribuídas são mais resilientes e politicamente mais significativas do que ONGs centralizadas. A relação de confiança — não um contrato, mas uma relação face a face — é a fundação da economia alternativa.

Mas o esgotamento dos voluntários é real. Escalar sem comprometer os princípios é difícil. O projeto Ekorita está atualmente estagnado devido a restrições de recursos. As intenções são muitas, a ação sustentável é escassa — isso não é apenas um problema individual, mas estrutural. A sustentabilidade baseada em voluntários é uma fraqueza estrutural: as pessoas se esgotam, os projetos param, reiniciar se torna um pouco mais difícil a cada vez. Sem condições materiais — tempo, espaço, segurança de renda — o ideal de organização horizontal permanece no ar.

A jornada do ensino de música para a permacultura, da resistência hidrelétrica para a cooperativa alimentar, é a história de como a transformação individual pode evoluir em organização social. Reunir-se uma vez por mês numa loja em Kadıköy — um ato tão simples, carregando um significado tão profundo.

OS MAIORES MICRÓBIOS

Nascida em Ordu — criada dentro da riqueza ecológica do Mar Negro — estabelecer-se em Ancara para a universidade foi uma experiência de deslocamento. Essa experiência é o ponto de partida de uma prática de arte do solo. Uma pesquisa de mestrado sobre arte do solo na Turquia em 2014, formação em ilustração científica, um doutorado sobre diálogo corpo-natureza.

Iniciativa de Arte Contemporânea Pelisiyar (2013): intervenções em espaços históricos abandonados e ecologicamente transformados — o próprio espaço se torna material e mensagem. "Os Maiores Micróbios" — um projeto de performance/arte de rua em andamento. Inspirado por uma metáfora de um autor chinês: se os micróbios tivessem mãos e spray, escreveriam "Os Maiores Micróbios" em todo lugar. Mais de 350 locais em Paris, se espalhando para Istambul, Ancara, Konya. Os micróbios são os sobreviventes definitivos — eles continuam a viver mesmo após a devastação nuclear. Somos transitórios, eles são permanentes.

"Mesmo que a humanidade deixe de existir neste planeta que habitamos, eles continuarão a viver."

Uma evolução de ver a natureza e a arte como separadas, para entender que a história da arte incluiu a land art (desde os anos 1960), para a ilustração científica aprofundando a flora da Turquia, para a performance se tornando ecologia corporal. O corpo não é um observador de fora da paisagem, mas uma parte biológica dela. A maioria dos artistas preocupados com ecologia não sente profundamente os processos naturais — é preciso se aproximar com a percepção de um agricultor: observação contínua, análise cuidadosa, conexão emocional profunda.

O projeto D8M: colaboração de restauração ambiental com operadores de escavadeiras em Istambul — transformando o poder destrutivo da máquina em poder restaurador. Pesquisa sobre cultura de jardim e paisagem em Paris, ensino acadêmico (em Konya, longe de Ancara). Entrar em ação — uma transição do ativismo baseado na esperança para o ativismo baseado no movimento. Não se espera, move-se. Os movimentos — não singulares mas plurais, não lineares mas dinâmicos — continuam. As pessoas falam de colonização espacial, de agricultura em Marte — mas mesmo que a humanidade desaparecesse deste planeta, os micróbios continuariam a viver. O excepcionalismo humano pode ser o maior obstáculo para o pensamento ecológico.

FEIRAS DE PRODUTORES

Uma designer formada em arquitetura pela Universidade Yıldız, que fez mestrado em tectônica digital (IaaC, Barcelona), ensina na Bilgi University e pesquisa métodos de produção digital na ITÜ – uma pesquisadora de design focada em artesanato, ferramentas e aprendizado pelo fazer. Os mercados agrícolas da Bacia de Menderes (Ödemiş, Tire, Nazilli, Karacasu) foram examinados como parte de pesquisa para a 4ª Bienal de Design – junto com Göher Gürcan Tan (arquiteta, pesquisadora de mercado) e Tangör Tan (engenheiro agrônomo, gastrônomo). As redes de produção-consumo constituem as relações urbano-rurais – entender essas redes significa entender o sistema alimentar.

Mapeado no trabalho de campo 2017–2018: mudança sazonal e função social das feiras de produtores, cadeias de suprimentos, estética dos estandes do mercado – toldos e coberturas coloridas sinalizando o tipo de produto –, perfis de produtores, conhecimento intergeracional, infraestrutura, margens de lucro.

Tia Vildan em Tire: um ciclo de trabalho de 40 horas – preparação do jardim, montagem do mercado, vendas – para margens de lucro mínimas. Essas 40 horas expõem o trabalho oculto por trás do discurso do "alimento local". Quão profunda é nossa consciência como consumidores de alimentos locais e orgânicos? A distância entre a mão que recebe o produto e a mão que o cultivou não é apenas física, mas epistemológica. Nem uma análise do lado da produção nem do lado do consumo é suficiente – a análise relacional é central. As feiras são terceiros espaços onde a habilidade do produtor (curadoria da abundância) encontra a disposição do consumidor de se engajar.

Escalas diferentes revelam relações diferentes: a lógica do produtor no nível do campo é fundamentalmente diferente da apresentação no mercado. A documentação visual no Instagram foi usada deliberadamente – para deslocar a conversa de "o que é isso?" para "de onde vem? você sabe quem o cultivou? em que condições?" As toldas coloridas sinalizam o tipo de produto, a variedade sazonal reflete a função social – o mercado não é apenas um lugar de compras, mas um mecanismo de troca de conhecimento. A relação produtor-consumidor cria – ou pode criar – uma rede de confiança além da lógica de mercado.

A ARQUITETURA DO SOLO

Um arquiteto nascido em Mardin, cuja família se estende a uma tradição sufi Qadiri de mil anos, que fez a transição de uma educação de madrasa para a escola formal, e que cresceu com o conhecimento agrícola de seu avô e a administração da paisagem da região Sultan Şemus (25 graus contra os 40 de Mardin; uma rara zona verde). Deslocamento forçado durante o conflito curdo de 1993 – a família se mudou de uma aldeia rural para o Kızıltepe urbano. Testemunha de amigos de infância que se tornaram trabalhadores agrícolas sazonais.

Um projeto de aceleração de turbinas eólicas do TÜBİTAK (escola secundária), duas patentes em habitação em contêiner, ativismo estudantil, competições de matemática e xadrez – uma mente multifacetada. Agora um doutorado sobre design de habitação em contêiner para trabalhadores agrícolas sazonais em Sarıcakaya, Eskişehir – uma zona de microclima onde o Astragalus é cultivado – em colaboração com a Istanbul Medipol University. Uma tese de mestrado em arquitetura do solo e design sustentável. Analisando a evolução espacial dos assentamentos de trabalhadores entre 2002 e 2017 com o Google Earth – quinze anos de mudança, legíveis em imagens de satélite. Uma proposta de arquitetura de terra inspirada na técnica de resfriamento passivo do malkaf (torre de vento) da casa de Harran – tijolo de barro, adobe, sistemas multicamadas usando solo como material de isolamento primário.

O plano diretor: área de cozinha compartilhada, espaços sociais, integração de permacultura – trabalhadores cultivando sua própria comida (tomates, berinjelas, pimentões). Habitação digna, vida saudável, capacidade organizacional – estas estão diretamente conectadas a decisões arquitetônicas.

"A arquitetura local – os padrões de assentamento formados espontaneamente de Mardin – carrega dentro de si o conhecimento ecológico. Não inventar, mas multiplicar; usar o solo como material de isolamento primário; projetar

sistemas multicamadas."

A arquitetura não é separada da ecologia. O design habitacional afeta diretamente a dignidade, a saúde e a capacidade organizacional dos trabalhadores agrícolas. Os trabalhadores sazonais vivem em tendas, barracões, contêineres — esses espaços traçam não apenas fronteiras físicas, mas sociais. Um espaço de vida digno é um pré-requisito para se organizar.

A transição da avelã para o kiwi — uma transformação vivida em Mardin — o kiwi trouxe novas temporadas de colheita, novas receitas, novas práticas sociais, e mudou os ritmos da vida comunitária. Uma cultura do kiwi se formou? Quanto tempo leva para uma cultura se formar? Quando a política agrícola elimina uma cultura, ela também apaga os sistemas de cultura e conhecimento ligados a essa cultura — a economia familiar da colheita de avelãs, os rituais comunitários, a ordem sazonal desaparecem. As culturas não são unidades econômicas; são vetores culturais, portadores de conhecimento, formas corporificadas de relações sociais.

O conhecimento agrícola de seu avô da região Sultan Şemus — conhecimento transmitido através de gerações, aprendido vivendo — foi cortado com o deslocamento forçado de 1993. Essa ruptura não é apenas geográfica, mas epistemológica: quando o conhecimento é deslocado, como uma semente arrancada de seu solo, seca.

O JARDIM ROMANO E AS SEMENTES

Uma engenheira de materiais que trabalhou cinco anos na mídia, que passou por um "despertar" após Gezi — particularmente após aprender permacultura — e escolheu deixar o trabalho corporativo para se mover em direção à produção de alimentos urbanos e à autossuficiência.

O Jardim Romano — o jardim comunitário em Cihangir — é uma retomada do espaço público contra a tentativa do município de convertê-lo em um café comercial, prova de que a agricultura urbana é possível. A batalha legal foi vencida, mas a complacência subsequente demonstra a necessidade de engajamento sustentado. Fabricação de sabão — transformando o consumo pessoal em produção doméstica natural. Guarda de sementes — multiplicando e distribuindo sementes locais, uma prática recém iniciada. Organização de comunidade alimentar por meio do Yeryüzü Derneği (Associação da Terra).

O arcabouço da permacultura: como podemos atender nossas necessidades com dano mínimo à natureza e como podemos converter produtos em insumos? Para um morador urbano, a desconexão da produção não é destino — a dependência do consumo pode ser reduzida por meio do conhecimento material, da produção direta e das redes de compartilhamento. Fazer sabão, guardar sementes, montar um jardim — essas parecem pequenas ações, mas cada uma é um ponto de desconexão do sistema. O Jardim Romano ganhou através da luta legal, depois veio a complacência — um lembrete da necessidade de engajamento sustentado. Vencer não é suficiente; o que foi conquistado deve ser protegido.

"O alimento é muito importante. Nossa produção local caiu incrivelmente. O que podemos fazer localmente?"

Esta pergunta é a pergunta que guia todo o encontro.

A RESPIRAÇÃO DO SOLO

Este é o nono e último encontro do programa Solunum do birbuçuk. Ao longo de mais de dois anos, uma jornada da água à biodiversidade, do metabolismo às fronteiras, do clima à mineração, do gênero à energia, ao solo foi completada. Cada encontro trouxe pessoas de diferentes disciplinas para a mesma mesa — sem hierarquia, tempo igual, narrativa pessoal, informalidade estrutural.

O encontro sobre solo é tanto resumo quanto exame dessa jornada. Sete apresentações — organizadora de comunidade alimentar, ativista agrícola, socióloga do trabalho, fundadora de cooperativa alimentar, artista do solo, arquiteta-pesquisadora, arquiteta do solo — tocaram a mesma questão por caminhos diferentes. E na discussão

livre essas vozes se misturaram, se complementaram, às vezes se contradisseram. Mas o consenso fundamental que emerge é claro: o solo é um sistema vivo, o trabalho não pode ser separado da ecologia, as relações de confiança são a fundação da economia alternativa, os sistemas de conhecimento são apagados junto com as culturas e as práticas de solo.

A despolitização da ecologia — shows "Por a Natureza", branding de sustentabilidade — oculta as causas sistêmicas. Discutir a mudança climática enquanto se fuma um cigarro é evitar fazer a conexão pessoal-política. Design e sustentabilidade são amplamente discutidos na academia, mas raramente traduzidos em prática. Inversamente, o conhecimento de ativistas e praticantes raramente chega aos contextos acadêmicos. Reuniões de três horas são insuficientes para a organização sustentada — oficinas de acompanhamento, pequenos grupos de trabalho, documentação são necessários.

Tensões dominantes: entre urgência e paciência — a lentidão da construção de relações enquanto a crise climática se acelera. Entre a crítica sistêmica e a mudança gradual — como permanecer motivado? Entre a fragmentação do conhecimento disciplinar e a necessidade de um arcabouço comum. Escala: as ações individuais são insuficientes, a mudança estrutural é necessária mas parece impossível.

A maioria dos projetos trabalha em escalas intermediárias: não a política global, não o consumo individual, mas redes de bairro e regionais — mercados, comunidades, oficinas colaborativas. A mudança surge de práticas pequenas acumuladas e organização local — não de implementação de cima para baixo. O compromisso de quinze anos de Ahmet com a organização agrícola, a luta de mais de quatro anos de Rana com o Jardim Romano, a imersão etnográfica de vários anos de Deniz — essas escalas de tempo requerem resiliência emocional e segurança material que a maioria das pessoas não tem.

Mas o solo nos ensina algo: quando a primeira gota de chuva cai sobre a superfície seca, os microrganismos acordam. As condições não precisam ser perfeitas para o despertar — uma gota é suficiente. O movimento — não singular mas plural, não linear mas rizomático, não centrado mas distribuído — ocorre simultaneamente por muitas práticas, em diferentes escalas, em diferentes geografias. O programa Solunum foi ele próprio essa prática: criou continuidades e relações inesperadas, pessoas de diferentes disciplinas aprenderam a fazer as mesmas perguntas em linguagens diferentes, os participantes perceberam que continuarão trabalhando em campos sobrepostos. Do jardim comunitário à feira de produtores, da tenda do trabalhador sazonal à arquitetura do solo, do mundo dos micróbios à cooperativa alimentar — todos são pontos nodais da mesma rede.

Documentação, publicação e série futura de oficinas foram propostas — noites sociais, raki, conversa, recepção. Produções escritas — artigo, objeto estético, livro. Newsletter, trabalho atual dos participantes. Este encontro não é um fim, mas um ponto nodal numa rede em andamento.

Metabolismo socioeconômico — como nós, como comunidades, organizamos nossos arredores, insumo de fora, processamento por dentro, produto para fora. Unidade do conhecimento — não permanecer vinculado a uma única disciplina, olhar o todo. Rizoma — descentralizado, multiplicando-se horizontalmente, redes que continuam mesmo se quebradas. Esses três conceitos são o núcleo do programa Solunum do birbuçuk e no encontro sobre solo foram testados uma última vez, em sua forma mais concreta. Como o solo: cíclico, vivo, despertando com a primeira gota mesmo quando parece seco.